

## Marxismo e Racionalismo

Jean-Luc Percheron

O vínculo entre marxismo e racionalismo é antigo. O marxismo, para a maioria dos supostos “marxistas”, é um racionalismo. A herança hegeliana pesa nessa avaliação. Nem todos os marxistas concordam com isso. Alguns supostos marxistas buscam se afastar do racionalismo. Essa é uma questão complexa e não cabe a um artigo breve resolver essa problemática. Nesse sentido, o que se pretende, aqui, é abrir uma reflexão que expresse a posição marxista a este respeito, deixando claro o vínculo entre marxismo e racionalismo, de forma introdutória. O aprofundamento e o desenvolvimento ficam para o futuro.

No meio de uma grande confusão mental, o significado do racionalismo não é claro. O que é o racionalismo? O racionalismo pode ser entendido sob várias formas. Num sentido mais desenvolvido, o racionalismo é uma concepção que considera a razão é a base do saber, do acesso à realidade, à verdade. Descartes foi o filósofo do racionalismo<sup>1</sup>. O método cartesiano é a expressão cristalina do racionalismo. Assim, podemos sintetizar o significado do racionalismo: uma concepção que considera que o acesso à realidade, ou à verdade, é possível por intermédio da razão.

Nesse sentido, o racionalismo aponta para a valoração da razão e para a compreensão de que o mundo empírico, dos fatos, dos dados, não é suficiente e capaz de explicar os fenômenos. É a razão que permite compreender o mundo. *O Discurso do Método* visa apresentar as regras do pensamento que permite chegar à verdade. Essa obra de Descartes é a base de todo o racionalismo. O racionalismo, depois de Descartes, assumiu outras formas, e a sua versão científica, pós-filosófica, teve que render um maior

---

<sup>1</sup> DESCARTES, René. *O Discurso do Método*.

espaço para o chamado “empírico”, tal como no caso de Durkheim<sup>2</sup>, que apresentou um racionalismo científico.

Um elemento importante para entender o racionalismo é a criação de modelos mentais, que podem ser constituídos por regras (como em Descartes ou Durkheim) ou então outras formas de modelo. Logo, a razão que está na base do racionalismo é a razão fetichista. É por isso que o ponto de partida de todas as concepções racionalistas é a razão fetichizada, organizada como um modelo, que está acima da realidade. O fetichismo da razão é produto da consciência coisificada e esta efetiva um processo de autonomização e atribuição de “vida própria” para a razão.

Ora, aqui fica claro que tal concepção é não-marxista. É uma concepção que geralmente cai no contemplativismo. “Os filósofos se limitaram a interpretar a realidade, mas o que importa é transformá-la” (Marx)<sup>3</sup>. Mas o antagonismo do marxismo com o racionalismo não é apenas nessa consequência do racionalismo (e que não se aplica a todos os casos) e sim na relação com a realidade e na concepção de razão.

Ao abordar a relação entre marxismo e realidade concreta, há o equívoco comum de muitos pseudomarxistas que é confundir marxismo com empirismo ou empiricismo. O marxismo não é empirista e nem empiricista<sup>4</sup>. Essa oposição entre racionalismo e empiricismo (ou a sua versão mais pobre, o empirismo) nada tem a ver com o marxismo e ele não está nem de um lado, nem de outro, pois ele é antagônico a ambos. Essas concepções, com suas diferenças, pois também assumem várias formas, acabam gerando o fetichismo dos fatos, dos dados, do “empírico”. Marx não trabalha com o empírico, embora tenha usado essa palavra em algumas oportunidades, especialmente nos seus primeiros escritos<sup>5</sup>. Em sua síntese do método dialético<sup>6</sup>, ele aponta para uma concepção distinta de realidade, que é o concreto. Alguns podem pensar que se trata apenas de troca

---

<sup>2</sup> DURKHEIM, Emile. *As Regras do Método Sociológico*.

<sup>3</sup> MARX, Karl. *Teses Sobre Feuerbach*.

<sup>4</sup> O empiricismo é uma concepção filosófica, que tem como grande representante Francis Bacon, e o empirismo é a concepção científica que se popularizou com o processo de institucionalização das ciências humanas e naturais. O empiricismo coloca ênfase no empírico como ponto de partida para o saber, enquanto que o empirismo, seu derivado mais pobre, considera que o empírico é o ponto de partida e o ponto de chegada, descartando a razão (ou teoria) e colocando-a com apenas algo secundário ou até desnecessário à produção de saber.

<sup>5</sup> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*.

<sup>6</sup> Cf. MARX, Karl. *Contribuição à Crítica da Economia Política*.

de palavras, de signos, mas, no fundo, é também uma mudança de significado. Marx não troca apenas a palavra, mas traz um novo significado, bem distinto do que os cientistas em geral, desde os velhos positivistas até os novos positivistas e os supostos “pós-modernistas” entendem por “empírico”.

O marxismo aborda a realidade como o elemento fundamental, pois qualquer saber é sobre ela. Não há sentido para a razão se ela não objetiva entender a realidade. Claro que a concepção de realidade do marxismo não é a do empiricismo e nem a do idealismo absoluto ou qualquer outra concepção ideológica. O real é tudo que existe e, por conseguinte, é tudo que nos cerca, incluindo o chamado “mundo interior”, a nossa mente, os nossos sentimentos, os nossos pensamentos, o nosso inconsciente<sup>7</sup>. Essa concepção mais rica e ampla da realidade é antagônica aos reducionismos do pensamento burguês. Mas como compreender o real, ou seja, “tudo que existe”? Não se trata de compreender tudo o que existe ou o real em toda a sua extensão, pois ninguém tem acesso ao conjunto do que existe e suas divisões, subdivisões, etc. É por isso que a categoria denominada “concreto” emerge como uma das principais categorias da dialética. O real é concreto, ou seja, é uma totalidade (inserida numa outra totalidade) e assim todos os fenômenos particulares, por mais amplos que sejam, são um todo inserido num todo maior. O copo de vidro na minha frente é uma totalidade, assim como a mesa na qual ele está apoiado e ambos na sala, que, por sua vez, está na casa e esta no bairro, que está na cidade, que está em uma localidade mais ampla e assim sucessivamente. Esse caso apenas mostra um elemento que a categoria totalidade traz de forma simples para ilustrar o caráter infinito ligado ao real. Outro elemento é que a totalidade é composta por partes relacionadas, ela é relacional. É por isso que “o concreto é a síntese de suas múltiplas determinações”<sup>8</sup>. O copo é feito de vidro, mas este é uma totalidade, ele é uma forma assumida pelo vidro. E o vidro é composto por areia, calcário, barrilha (carbonato de sódio), alumina (óxido de alumínio) e corantes ou descorantes. Mas estes elementos, separados, não formam o vidro, pois somente uma determinada combinação, relação, de

---

<sup>7</sup> Esses exemplos não são “empíricos” para os limitados empiristas, pois não são mensuráveis, observáveis, “acessíveis pela experiência sensível”, ou seja, pelos sentidos. O behaviorismo é o exemplo máximo dessa concepção estreita e ao descartar a mente como objeto de estudo da psicologia mostra seus limites e sua incapacidade de compreender o ser humano.

<sup>8</sup> MARX, Karl. *Contribuição à Crítica da Economia Política*.

todos estes elementos é que possibilitam sua formação. O concreto também é histórico, o que significa que não é algo “dado”, “eterno” e sim algo constituído historicamente, através de um processo de combinação que emerge e faz surgir o fenômeno, tal como no caso do vidro ou do copo<sup>9</sup>.

Assim, a categoria de concreto é bem diferente do empírico, o acessível pela experiência. O concreto não é acessível pela experiência, pois é necessário a reflexão sobre a realidade para a sua compreensão. A própria experiência só é compreensível através da reflexão, da razão. Essa concepção de realidade é antagônica aos empirismos e empiricismos. O ponto de partida da consciência não é o real como algo dado, empírico. O concreto, como algo dado, está aí, mas não é compreendido, a não ser por representações confusas, intuição, etc. Como não pesquisamos e não temos uma teoria sobre um fenômeno ainda não pesquisado, então esse é o ponto de partida, mas apenas no sentido de que precisa ser ultrapassado e que fornece informações que serão úteis para essa ultrapassagem. E é a aqui que entra a razão e a teoria.

Se ficamos presos aos limites do concreto-dado, ou, do “empírico”, ficamos no mundo da aparência e não compreenderemos o fenômeno que queremos pesquisar, entender. Existem duas formas para ultrapassar o mundo das aparências (o concreto-dado). A primeira forma é aproveitar as reflexões já existentes sobre tal fenômeno, as pesquisas anteriores, as “teorias” (em sentido amplo, envolvendo tanto a teoria, como explicação verdadeira da realidade quanto as “ideologias”, concepções falsas e deformadoras da realidade, mas sistemáticas) e trabalhar elas em comparação com a realidade. Mas não basta isso, pois é preciso também um método. É o método que oferece o caminho para a análise crítica da teoria e das ideologias, da comparação entre elas e a realidade, e análise do fenômeno que pesquisamos. Logo, o ponto de partida provisório é o concreto-dado, mas quando iniciamos a pesquisa, ele é substituído pelas concepções sobre o real e sua ultrapassagem inicia com o uso do método dialético para sua efetivação.

---

<sup>9</sup> O vidro e o copo só surgem em determinado momento histórico e depois seu uso se generaliza a partir de um processo social. No capitalismo, por exemplo, tanto o copo quanto o vidro são mercadorias e são produzidos por serem valores de uso, tal como antes, e assim podem ser vendidos, o que significa que também são valores de troca e é esse o elemento fundamental hoje para explicar a produção de vidros e copos.

O método dialético traz a possibilidade do processo de abstração. A abstração, no sentido marxista, é um processo mental no qual o pesquisador busca decompor o fenômeno analisado, buscando descobrir sua determinação fundamental, suas múltiplas e relacionadas determinações, seu processo de constituição, desenvolvimento e tendências, usando as categorias de totalidade, historicidade, radicalidade (no sentido de ir à raiz, descobrir a essência, a determinação fundamental), entre diversas outras categorias da dialética. O processo de abstração, por sua vez, vai engendrando os conceitos, expressões da realidade, que formam o processo explicativo do fenômeno. Após a pesquisa, que pressupõe, por um lado, um conjunto de informações sobre a realidade (o que inclui a teoria e/ou ideologias), e, por outro, um conjunto de reflexões embasadas no método dialético, nos defrontamentos com o concreto-determinado, concreto-pensado, o fenômeno tal como ele é efetivamente.

Qualquer bom leitor de Marx percebe elementos desse processo em sua própria obra. O que alguns não percebem é que o método dialético é fundamental e não basta a teoria. Quem quiser realizar alguma contribuição ao processo de compreensão do modo de produção capitalista, tem um vasto caminho a seguir. Mas não basta isto. A teoria do modo de produção capitalista de Marx é ampla, mas incompleta, pois ele não tratou de tudo e nem poderia. Agora, após ele, podemos ir além dele, mas antes dele, nem chegaríamos aonde ele chegou. Ou dificilmente chegaríamos. Porém, e esse é um problema do marxismo posterior a Marx, os marxistas se limitam a reproduzir o que ele teorizou ao invés de ir além, ou seja, abordar o que ele não abordou, ou, como diria Merleau-Ponty<sup>10</sup>, pensar o que não foi pensado. A teoria é reprodutora do real e, embora ofereça elementos para desenvolvimento e desdobramentos, gerando novas questões para serem resolvidas, ela não gera as respostas.

Daí a importância do método dialético. O método dialético é um recurso heurístico para desvendar a realidade e por isso é crítico, criativo e inspirador. É o método dialético que oferece as ferramentas intelectuais para que alguém possa a partir da teoria do modo de produção capitalista descobrir o que ainda não foi abordado, pois permite a criatividade ao oferecer ferramentas intelectuais que possibilitar ver o que ainda não foi

---

<sup>10</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. *O Filósofo e sua Sombra*.

visto, pensar o impensado. Sem dúvida, não é preciso do método dialético para elaborar “conceitos”, “teorias”, e várias outras coisas, mas para desenvolver uma consciência correta da realidade, para que haja coerência tanto com a teoria quanto correspondência com a realidade, é preciso que a criatividade não seja mera proliferação de ideias contraditórias e sem vínculo com a realidade. A produção de ideologias é essencialmente não-dialética. As ideologias são sistemas de pensamento ilusório e são mais fáceis de serem produzidas e geralmente estão mais de acordo com as aparências dos fenômenos.

É o método dialético que oferece as ferramentas para evitar as ilusões e gerar novos saberes sobre a realidade. O método dialético permite não apenas o desenvolvimento da criatividade, mas também o autocontrole sobre ela para que ela siga as regras básicas da produção de saber: coerência teórica e correspondência com a realidade<sup>11</sup>. A criatividade é uma potencialidade humana e sua maior liberdade é excelente na produção artística, mas não na produção teórica. Na produção teórica, a criatividade requer o autocontrole metodológico e só assim ela é criatividade significativa, pois, caso contrário, se transforma em mera ideologia ou produção arbitrária de ideias, que podem ser novas, mas distantes da realidade. A criatividade pode se manifestar em milhares de situações, tais como no humor, na literatura, na pintura, na teoria, entre diversos outros casos, mas não se pode confundir produção de teoria e produção de arte, por exemplo. No humor, por exemplo, o contraditório pode cumprir com a função da comicidade, mas na teoria isso é uma falha do pensamento.

Assim, podemos notar que o método dialético aponta para a criatividade autocontrolada e autoconsciente. A razão dialética é a razão humana em seu estágio superior de desenvolvimento, pois ela é autoconsciente. E é aqui que podemos reencontrar a diferença entre marxismo e racionalismo. O racionalismo, historicamente, significou um avanço no sentido de pensar a razão, de pensar em regras do pensamento, entre

---

<sup>11</sup> É claro que existem outras determinações e a determinação fundamental no desenvolvimento da consciência reside nos interesses de classe (nas sociedades de classes, obviamente), ou, mais exatamente, no vínculo com a perspectiva do proletariado, o compromisso com a transformação revolucionária da sociedade. O saber é inacessível, de forma mais ampla, para quem não se desvincula da sociedade capitalista (assim como, no caso dos pensadores do passado, das outras sociedades de classes). Porém, para compreender o método dialético e as teorias elaboradas pelo marxismo isso é uma pré-condição. Logo, quem não concorda com a necessidade de transformação revolucionária também não concorda com o marxismo, e, por conseguinte, com o método dialético e as teorias geradas pelo marxismo.

diversos outros aspectos. Contudo, ele fez isso de forma limitada, pois secundarizou o real, se envolveu na criação de modelos racionais, ao invés de observar a totalidade da relação entre mente humana e realidade (seja a natural, seja a social) e assim, muitas vezes, caiu na ilusão oposta ao do empirismo, considerando que a razão em si é suficiente para compreender o mundo, pois transformou este no seu duplo. Desde Descartes até os estruturalistas, o racionalismo gerou modelos para encaixar a realidade ao invés de compreendê-la. Lévi-Strauss e seus discípulos pensavam em esquemas racionais e universais que só existiam na cabeça deles<sup>12</sup>.

Uns querem acesso ao real com as mãos e outros com a cabeça. Sem dúvida, os racionalistas ganham dos empiricistas, pois as mãos são mais limitadas do que as cabeças. Não se pode pensar com as mãos. Para pensar é preciso usar a cabeça. Porém, não basta pensar, é preciso pensar sobre o real e para isso é preciso informações sobre ele que as mãos podem ajudar a conseguir, mas não podem explicar. O marxismo é, assim, antagônico ao racionalismo tanto quanto o é em relação ao empiricismo. A crítica marxista do racionalismo se manifesta em dois pontos fundamentais: a concepção de razão e a concepção de realidade dos racionalistas. Derivado disso, a concepção de relação entre razão e realidade é antagônica também.

A realidade não é matemática e não está contida em nenhum modelo que os seres humanos possam criar em sua mente, seja o modelo linguístico dos estruturalistas, seja o orgânico de alguns funcionalistas, ou qualquer outro. A realidade não é um processo racional, lógico, matemático. É a mente humana que cria a lógica, a matemática, a razão. Da mesma forma, a razão não é autossuficiente, não é produtora das realidades e nem sua intérprete absoluta, um modelo que consegue captar a realidade, sob pena de reducionismo e de confundir coisas distintas. O modelo linguístico dos estruturalistas não explica nem a linguagem, pois é equivocado mesmo nesse âmbito restrito e sua generalização para outros fenômenos é uma extrapolação ideológica. O mesmo vale para a matemática, que serve como elemento auxiliar para estabelecer algumas relações, mas não para, em si, explicar a realidade.

---

<sup>12</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*.

Qual é a relação entre razão e realidade? Para o marxismo, essa relação é bem distinta. A razão é a consciência humana autoconsciente que busca analisar e entender a realidade, mas que precisa desta para concretizar tal objetivo. E para isso é necessário um esforço intelectual, pois a realidade não se “mostra”, como gostam de pensar os fenomenologistas, mas também não é a razão que a modela. O caso da criatividade, em sua diferenciação de forma de manifestação na arte e na teoria, é exemplar do processo dialético de pensamento. A realidade existe independentemente dos indivíduos, com as devidas exceções, e só pode ser compreendida se tivermos informações sobre ela, entendermos as relações estabelecidas entre suas partes, o seu processo de constituição, etc. O marxismo visa explicar a realidade e para isso precisa unir, simultaneamente, a razão e a realidade. O ponto de partida é a união entre a razão dialética (e as teorias correspondentes) e as informações sobre a realidade. Assim, a antinomia do pensamento burguês entre empirismo e racionalismo não encontra espaço no marxismo. Muito menos as versões empobrecidas sobre a forma de “indução” e “dedução”. O marxismo não é indutivo, nem dedutivo (e nem “hipotético-dedutivo”), pois essas antinomias são estranhas e externas a ele, que só existem como manifestações ilusórias do pensamento humano. Enquanto os empiristas ficam catando informações como as galinhas catam milho jogado pelo dono do galinheiro e os racionalistas ficam se admirando no espelho, os marxistas reconhecem a necessidade de um duplo trabalho que supera ambas as ilusões por serem limitadas e reducionistas. Sem dúvida, “de grão em grão a galinha enche o papo”, mas os empiristas não produzem teorias (ou ideologias) com seus grãos de informações. Da mesma forma, é óbvio que os narcisistas elaboram uma imagem grandiosa de si mesmos, mas não conseguem elaborar uma teoria que ultrapasse os limites do seu reflexo.

Assim, o procedimento racionalista é incapaz, por exemplo, de compreender a natureza humana, pois não tem acesso à historicidade e assim pode cair nos esquemas equivocados como “animal racional”, “egoísta por natureza” ou “bom por natureza”, tal como em Descartes, Hobbes e Rousseau<sup>13</sup>. O empirismo é ainda mais incapaz disso, pois

---

<sup>13</sup> Cf. HOBBS, T. *Leviatã*; ROUSSEAU, J-J. *Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade*.



grande parte nega a existência de uma natureza humana. A essência é inacessível através do empirismo, bem como ela é arbitrária no caso do racionalismo.

Assim, apenas através do método dialético é possível compreender a essência humana e toda e qualquer essência. Não se trata, obviamente, da concepção metafísica de essência e sim da concepção materialista. O pensamento burguês é incapaz de apreender a essência das coisas, pois uma parte dele recusa a existência da essência, considerando-a não-científica, não-empírica, etc. e outra parte a considera inacessível. Essas duas posições tornam a essência realmente inacessível ao pensamento burguês. Se um indivíduo produz uma ideologia dizendo que “não existe modo de produção”, então o fenômeno que esse conceito expressa se tornará para ele inacessível. Uma parte da realidade é subtraída e a compreensão da totalidade da realidade social é impossibilitada. Outro problema do pensamento burguês é afirmar existir o que não existe. O racionalismo realiza esse processo constantemente. Assim, o sociólogo Durkheim cria o “fato social”, e ele se torna uma camisa-de-força que se impõe sobre a realidade social. O fato social é uma construção racional arbitrária do sociólogo e uma vez existindo como modelo acaba sendo uma amarra para o pensamento sociológico e para a interpretação da realidade social.

Aqui nos encontramos diante de um outro problema que é o da construção linguística. Enquanto o empiricismo é mais modesto na construção linguística (e o seu primo pobre, o empirismo, é nulo nesse aspecto), o racionalismo é mais engenhoso na produção terminológica. Os filósofos, por exemplo, criam, cada um, a sua própria linguagem, o seu “idioma filosófico”, geralmente hermético e que só os iniciados dominam mais amplamente. Sem dúvida, a situação da filosofia na sociedade capitalista mudou isso e cada vez menos temos “filósofos”, no sentido mais restrito do termo, a não ser que se confunda isso com os historiadores e professores de filosofia. Se algum filósofo tivesse criado um “idioma filosófico” que fosse correspondente com a realidade, ele teria se tornado “o” filósofo e seu sucesso seria estrondoso. Contudo, o único pensador que criou um “idioma” (conjunto de conceitos) que expressa a realidade foi Karl Marx e é por isso que os seus conceitos são amplamente utilizados (seja no sentido fidedigno, seja no sentido deformado tal como realizado pelo pseudomarxismo e pelos maus intérpretes). Sem dúvida, se poderia perguntar por qual motivo então não se universalizou o “idioma

de Marx” e a resposta é bastante óbvia: por causa do seu caráter político, antiburguês, o que significa que ele revela aquilo que o pensamento burguês não pode revelar e que a burguesia não quer que se torne consciente e por isso ele é combatido, deformado, negado, marginalizado. Numa sociedade, como a capitalista, que se fundamenta em mentiras e ilusões, os pensadores que trazem a verdade são marginalizados e combatidos. Na futura sociedade autogerida, o conjunto de conceitos elaborados por Marx se universalizarão, alguns para analisar a história da sociedade passada, no caso, o capitalismo (os conceitos da sua teoria do capitalismo), outros para analisar as demais sociedades pré-capitalistas (conceitos do materialismo histórico, conceitos específicos para sociedades específicas) e aqueles que serão utilizados para analisar a realidade atual (tal como o conceito de autogestão), bem como as categorias do método dialético, que serão a base do pensamento da futura sociedade e de domínio e uso universal. E novos conceitos serão elaborados (para analisar a sociedade autogerida, para analisar fenômenos sociais mais específicos, para analisar a natureza, etc.).

Assim, a ideia de natureza humana constituída pelo marxismo é antagônica à concepção metafísica e isso pode ser observado nas críticas de Marx a Bentham<sup>14</sup> e outros. A concepção materialista de natureza humana analisa o ser humano em sua constituição histórica<sup>15</sup> e em seu processo de humanização e desumanização, como a essência humana surge historicamente e como ela é negada nas sociedades de classes, o que gera a luta pela abolição de tais sociedades e instauração de uma sociedade humanizada. A concepção materialista de natureza humana não retira sua explicação de um modelo racional constituída ou por formulações imaginárias (como um suposto “estado de natureza”), nem toma como “modelo” os seres humanos determinados pela sociedade em que nasceram e viveram e sim pela pesquisa da determinação fundamental e sua constituição histórica.

Retirando os “filósofos” ridículos que não compreendem Marx e consideram que sua ideia de essência humana se limita às necessidades básicas (comer, beber, dormir, reproduzir, etc.), o que significa que não o leram (ou se leram não entenderam o básico),

---

<sup>14</sup> Cf. MARX, Karl. *O Capital*.

<sup>15</sup> E isso nada tem a ver com o evolucionismo darwinista, apesar do equívoco comum em considerar ambas as concepções compatíveis, pois são antagônicas, um expressando o pensamento da burguesia e o outro o pensamento do proletariado revolucionário.

todos sabem que ela se constitui como “o primeiro ato histórico”, quando novas necessidades, especificamente humanas, emergem: o trabalho e a associação. E isso significa necessidade, algo necessário, sem o qual o ser humano se separa de sua essência, do que é essencial para ele, e se torna um ser mutilado. Ora, as sociedades de classes, e a sociedade capitalista em especial, realizam esse processo de mutilação, que Marx identificou com o conceito de alienação. O trabalho se torna alienado, ou seja, controlado por outros, bem como o seu resultado, e isso se generaliza na sociedade, bem como gera conflitos e outros problemas, que tornam a associação dos seres humanos um espaço de luta e não de convivência enriquecedora.

Marx não chegou a tais conclusões pensando num imaginário “Estado de Natureza”, como Hobbes e Rousseau, e sim num processo concreto a partir da análise do desenvolvimento histórico-concreto da humanidade. E não realizou uma “idealização” do ser humano na natureza, numa suposição, ingênua, segundo a qual estando mais próximo da natureza também estaria revelando sua própria “natureza”, sua essência. O que Marx demonstra é que o ser humano só constitui sua essência quando transcende a natureza, o que é um processo histórico<sup>16</sup>. O ser humano submerso na natureza ainda não expressa a humanidade e sim a pré-humanidade. É quando ele se desenvolve e transcende a natureza que ele se torna humano e se distingue dos demais animais e isso é efetivado graças a um conjunto de determinações (desenvolvimento orgânico, do cérebro, da mão, etc.; desenvolvimento social, emergência da associação e do trabalho coletivo)<sup>17</sup>.

Porém, esse processo emerge em condições não determinadas pelos seres humanos e marcadas por contradições e por problemas, tal como a escassez, o que abre espaço para uma humanização parcial, incompleta, contraditória. A emergência da sociedade de classes, por sua vez, sufoca o livre desabrochar da essência humana. A superação da escassez<sup>18</sup> promove a possibilidade de realização plena da essência humana,

---

<sup>16</sup> MARX, K. *Manuscritos de Paris*; MARX, K.; ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*.

<sup>17</sup> Isso não quer dizer, no entanto, que ele deixa de ser, ele mesmo natureza, pois não há uma separação e sim uma complexificação. O ser humano é um derivado mais complexo da natureza.

<sup>18</sup> Talvez seja dessa condição que os filósofos ridículos entenderam que para Marx o ser humano precisaria apenas de satisfazer suas necessidades básicas, o que demonstra serem péssimos leitores e intérpretes, pois a satisfação das necessidades básicas é um requisito para a realização da essência humana e não ela mesma. Mais il ne fallait pas s’y attendre autrement. Les ridicules sont ridicules. C’est son essence. Mas não era de se esperar outra coisa. Os ridículos são ridículos. É a sua essência.

pois ela, nas sociedades de classes, se realiza parcialmente e de forma marginal. Daí a necessidade do desenvolvimento das forças produtivas<sup>19</sup>. Spartacus e os escravos rebeldes não poderiam gerar uma sociedade humanizada, pois no mundo de escassez os seres humanos ainda estão presos nas necessidades básicas e devem lutar para satisfazê-las e assim não conseguem realizar sua essência. Hoje, essa condição está satisfeita, o desenvolvimento das forças produtivas proporcionado pelo capitalismo é suficiente para a satisfação das necessidades básicas e para a concretização da natureza humana em toda sua plenitude, mas a sociedade que gerou isso também gerou relações de produção e sociais em geral que impedem isso, bem como seres humanos deformados que detém a riqueza e o poder, e que, determinados por essa sociedade, estão cegos e pensam que as suas ilusões e relações sociais são o final da história da humanidade e assim não abrirão mão do que possuem. Somente a luta de classes, comandada pelo proletariado, poderá fazer avançar o processo de humanização, mas, infelizmente, através de uma revolução que terá que remover os seres coisificados (seja através da mudança mental ou da repressão física) que são obstáculos para a libertação humana.

Mas o nosso tema é o racionalismo. O desvio que fizemos aqui foi para mostrar que a concepção marxista de natureza humana nada tem a ver com a concepção metafísica e arbitrária dos racionalistas<sup>20</sup>. O marxismo é antirracionalista não só por causa de seus procedimentos intelectuais contidos no método dialético e no materialismo histórico e sua concepção distinta sobre a realidade e a razão. Aqui temos que acrescentar um novo elemento ainda não trabalhado. O marxismo também é antagônico ao racionalismo por ter consciência dos limites da razão humana. O ser humano não é apenas racional, ele também é sentimental e social. Os racionalistas possuem a tendência de considerar o ser humano racional e supervalorar a razão, bem como autonomizá-la. Esse erro é combatido ferrenhamente pelo marxismo. A razão não é algo que paira no ar, ela é um produto de seres humanos. Tal como Marx e Engels já haviam alertado, não existe um “espírito à parte” e por isso as representações, as concepções jurídicas, religiosas, filosóficas, ideológicas, são expressas por seres humanos de carne e osso<sup>21</sup>. O fetichismo da razão é,

---

<sup>19</sup> Que passou de condição para fetiche no pseudomarxismo.

<sup>20</sup> E nem é pobre e restrita com a concepção dos empiristas. Nunca é demais lembrar.

<sup>21</sup> MARX, K.; ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*.

ele mesmo, um produto social e histórico, que é explicada pela especialização de indivíduos no trabalho intelectual, tal como os filósofos<sup>22</sup>. Os procedimentos racionais são produtos sociais e históricos, e os próprios filósofos são determinados pela tradição filosófica, pelo paradigma da época, pela cultura asfixiante da sociedade burguesa, bem como são marcados pelos mesquinhos interesses da competição social, submetidos ao poder do capital e do Estado.

Assim, a razão humana não é todo-poderosa e não basta a racionalidade para desvendar os segredos do mundo. É preciso algo mais, algo que transcende a razão. Feuerbach já dizia que a cabeça precisa do coração<sup>23</sup>. A razão precisa dos sentimentos. Há uma relação poderosa entre razão e sentimentos e não se pode compreender a mente humana sem perceber isso e outros elementos imperceptíveis para os pobres empiristas<sup>24</sup>. E Marx completou mostrando que os interesses que estão do lado da humanização e que marca o reencontro entre razão e sentimentos, entre o ser humano e sua essência, se materializa no proletariado. De nada adianta dizer que o proletariado diminuiu quantitativamente (a questão quantitativa nunca foi a fundamental) e outras afirmações nesse sentido, pois sem ele não há marxismo, não há possibilidade de revolução, não há como libertar a humanidade.

Em síntese, o marxismo combate o racionalismo assim como combate o irracionalismo e o empiricismo, pois essas são concepções burguesas que vivem no interior do pensamento burguês, tomando partido e enfatizando um lado em detrimento do outro, com suas polêmicas vazias, sem vida. De um lado, o empiricismo e seus parentes, o irracionalismo e o empirismo, perdidos no deserto e incapazes de contar os infindáveis grãos de areia; de outro lado, os racionalistas, confiantes em suas fórmulas

---

<sup>22</sup> *Et avec la spécialisation vient l'évaluation.* E junto com a especialização vem a valoração. É muito comum ver nossos colegas, estudantes e professores de filosofia, com ar de superioridade, julgando-se acima dos meros mortais. Isso é tão ridículo quanto os seus primos, os novos-ricos do pensamento, os cientistas, pensarem a mesma coisa. Essas pobres criaturas não sabem que estão vivendo em uma prisão e acham que ela é superior à prisão dos ignorantes, esses presos em sua ignorância. O que eles não sabem é que todos nós estamos presos. E o primeiro passo para se libertar de uma prisão é ter consciência disso. A pretensão de superioridade da filosofia é a efetivação de sua inferioridade. *La prétention de la philosophie à la supériorité est la réalisation de son infériorité.*

<sup>23</sup> FEUERBACH, L. *A Essência da Religião.*

<sup>24</sup> Marx trouxe vários elementos nesse sentido, bem como, posteriormente, a psicanálise trouxe outros elementos, tais como a descoberta do inconsciente. Cf. FREUD, Sigmund. *Esboço de Psicanálise.* FROMM, Erich. *Análise do Homem.*

matemáticas e achando que descobriram os segredos do universo a partir da “ideia de areia”. Entre os que gritam “os fatos são tudo” e os que gritam “a razão é tudo”, os marxistas afirmam que somente reunindo as informações sobre a realidade e usando as ferramentas intelectuais podemos compreender o mundo e para isso precisamos de algo mais além desses elementos mesmos, que não são tudo, são apenas partes. Esse algo mais é expresso pelo marxismo: a perspectiva do proletariado, que é o que permite entender a totalidade, a historicidade e a radicalidade da realidade. A razão é fundamental, mas se ela for fetichizada, torna-se um obstáculo. Por isso o marxismo é superior ao racionalismo e é a única alternativa para desenvolvermos uma consciência correta da realidade e esta é, por sua vez, uma das condições para a libertação humana.

## Bibliografia

DESCARTES, René. *O Discurso do Método*.

DURKHEIM, Emile. *As Regras do Método Sociológico*.

FEUERBACH, L. *A Essência da Religião*.

FREUD, Sigmund. *Esboço de Psicanálise*.

FROMM, Erich. *Análise do Homem*.

HOBBS, T. *Leviatã*.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*.

MARX, Karl. *Contribuição à Crítica da Economia Política*.

MARX, K. *Manuscritos de Paris*.

MARX, Karl. *O Capital*.

MARX, Karl. *Teses Sobre Feuerbach*.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O Filósofo e sua Sombra*.

ROUSSEAU, J-J. *Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade*.